

Egídio Malanquini

É diretor da Findes

/// O associativismo é o ciclo da vez no Espírito Santo; só assim podemos fortalecer as indústrias, que são a base dos sindicatos e da federação

Indústria mais forte

O Estado passou por dois ciclos de desenvolvimento: o primeiro foi no século XIX até a década de 60 do século XX, ancorada exclusivamente no café. O setor gerava quase 54% do PIB estadual. Depois passou pelo segundo ciclo que começou na década de 60 até a década de 90 do século XX, foi quando o ES teve sua inserção internacional através das exportações das grandes indústrias. Vivemos e viveremos outros ciclos, mas podemos afirmar que no momento atual estamos dando a importância para o associativismo e para interiorização.

“Associativismo para uma Indústria Forte” é o nome do livro que a Findes lançou em comemoração aos seus 55 anos, e os principais atores dessa história são os 31 sindicatos e as 3.347 indústrias associadas.

Um dos projetos que merece destaque foi o “Dia de Associar-se”, que levou uma grande mobilização para o interior, principalmente para os municípios onde estão



localizadas as regionais da Findes: Colatina, Cachoeiro de Itapemirim, Aracruz, Anchieta, Linhares, Venda Nova do Imigrante, São Mateus e para fechar o ciclo Nova Venécia, que contou com a presença de vários prefeitos e do governador Casagrande, que no evento assinou junto com o presidente da Findes, Marcos Guerra, convênios para instalação de um uma Escola Pedreira em Vila Pavão e uma Agência de Treinamento em Nova Venécia, futuro centro integrado Sesi/Senais/IEL.

Além de toda a mobilização o projeto identificou setores que estavam desassistidos pela federação, e por isso foram criados três novos sindicatos: Laticínios, Vidros e Pesca.

Nos oito eventos realizados foram visitadas cerca de 2.500 indústrias, com a presença de 1.800 participantes e 592 indústrias associadas aos sindicatos.

O projeto deu tão certo que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) reproduziu o modelo para outras federações totalizando 39 eventos realizados/agendados em todo o Brasil.

O associativismo é o ciclo da vez; só assim podemos fortalecer as indústrias, que são a base dos sindicatos e da federação, dando sustentabilidade à economia deste pequeno grande Estado.

João Baptista Herkenhoff

É magistrado aposentado, professor e escritor

E-mail: jberkenhoff@uol.com.br

/// O voto secreto do eleitor é uma conquista democrática. Já o voto parlamentar secreto consagra a irresponsabilidade, a fraude e a covardia

O voto secreto

Está em debate no Congresso Nacional a questão do voto secreto nas casas legislativas. O voto secreto do cidadão comum e o voto secreto do parlamentar situam-se em posições absolutamente diversas. O cidadão comum não tem de dar conta do seu voto senão a sua consciência. O voto secreto que se assegura ao eleitor é uma conquista democrática. Foi instituído no Brasil pela Constituição de 1934, graças à iniciativa de um capixaba – José de Mello Carvalho Muniz Freire –, que hoje tem seu nome imortalizado num município do Espírito Santo.

A Constituição de 1934, que, além do voto secreto do eleitor, assegurou outras franquias libertárias, teria direcionado o país na rota da democracia, não fosse o lamentável retrocesso do Estado Novo (1937). A Carta Magna de 1934 não foi fruto do acaso, não surgiu do nada, como uma visão apenas descritiva da História pode levar a crer. A História deve ser analítica, dialética, buscando as causas profundas dos fatos.

Nessa perspectiva concluiremos que 1934 teve sua origem no sangue dos que tombaram na Revolução Paulista (1932). Os heróis paulistas, acompanhados por outros brasileiros, exigiram,

em 1932, que a Revolução de 1930 realmente se efetivasse através da votação e promulgação de uma Constituição Cidadã. A Revolução Paulista foi esmagada pela força das armas, sob a injusta acusação, desmentida pela História, de que se tratava de um movimento separatista. Longe disso. São Paulo não queria separar, mas unir todos os Estados brasileiros, sob a bandeira da liberdade.

O voto secreto do eleitor assegura que o empregado vote em desacordo com o patrão; a mulher em desacordo com marido machista; o filho em oposição ao pai autoritário; o pacato lavrador em divergência com o dono da terra; o habitante de uma vila liberto da orientação do chefe político local.

Já o voto parlamentar secreto consagra a irresponsabilidade, a fraude e a covardia: voto irresponsável porque, à sombra do sigilo, o parlamentar não tem de dar conta de sua conduta a quem quer que seja; voto fraudulento porque permite que o parlamentar traia inteiramente o mandato que lhe foi conferido; voto covarde porque, no refúgio do biombo, o representante do povo está dispensado do seu compromisso de retidão e moralidade.

O parlamentar que precisa de voto secreto para expressar-se não merece confiança. Não seria prudente que o dono de uma banca que vende bananas confiasse a ele a guarda da banca enquanto o quitandeiro tivesse de se afastar para fazer uma coisa qualquer.

Alencar Garcia de Freitas

É jornalista

/// Construções antiquíssimas estão se deteriorando por falta de orçamento e interesse na sua preservação

A Grande Vitória e os seus sítios históricos

Quanto mais conheço os municípios da Grande Vitória mais me apaixono pelos seus sítios históricos, alguns deles pouco conhecidos porque pouco divulgados, principalmente aqueles que estão localizados nas áreas rurais mais afastadas das aglomerações urbanas.

Não estou especialista em garimpos desse tipo, mas sempre que dou de cara com uma igreja ou capelinha, às vezes caindo em pedaços, choro por dentro

lamentando o abandono a que estão relegadas.

Quando ainda tinha o privilégio de dirigir o meu próprio veículo – já tem um bom tempo que não o faço – parava em frente a um prédio nesse estado e fazia um passeio imaginário no tempo e no espaço e via os personagens de então, escravos maltratados pelos seus senhores, trabalhando naquelas construções e também na sua conservação;

agora que eles – escravos e senhores não existem mais – tudo está lá caindo aos pedaços, servindo, apenas, como refúgio de vários tipos de animais...

Parece que os olhos dos institutos históricos e geográficos estão, quando muito, mais voltados para os sítios históricos localizados nas áreas urbanas e pouco ou nada voltados para os que estão nas áreas rurais.

Basta um giro com olhar mais prescrutador nas áreas rurais de Vila Velha, Cariacica, Serra, Fundão, Viana e Guarapari e logo se serão descobertas construções antiquíssimas que estão se deteriorando por falta de orçamento, interesse e empenho público para restaurá-las e conservá-las de pé.

Entendo que muitos desses casos

de deterioração de tais patrimônios se deve ao fato de não existir entre as autoridades e as comunidades a cultura da preservação de patrimônios históricos, comportamento negativo mais do que visível até mesmo nos grandes, médios e pequenos centros urbanos, com prédios e monumentos pichados e destruídos por alguns vândalos.

Seria muito bom um olhar mais atento da Secretaria de Cultura do Estado e também de alguns municípios, maapeando e inventariando casos como os acima citados e ao mesmo tempo trabalhando para conseguir incentivos públicos e privados para uma maior e melhor preservação desses sítios históricos.